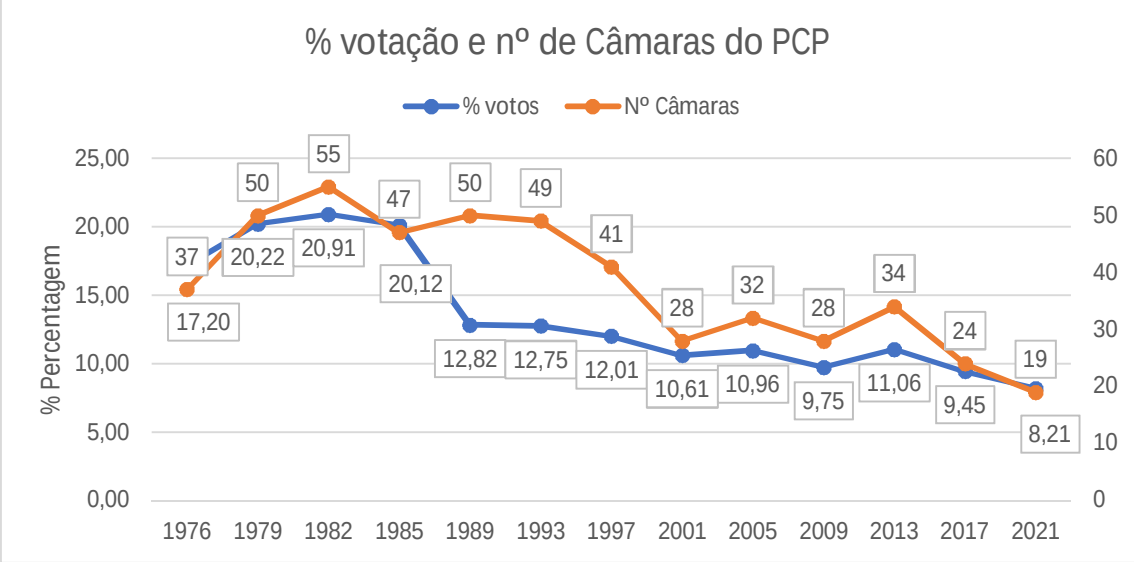
Análise dos resultados nas Autárquicas do PCP e do BE

1 – PCP



A análise dos resultados nas eleições autárquicas dá ênfase ao nº de Presidências de Câmara, o que leva estas eleições para um patamar semelhante às eleições em círculos uninominais, ou seja, na quase totalidade dos municípios só os candidatos apoiados pelo PSD ou pelo PS poderão ser eleitos.

Em 2021, há 263 Presidências apoiadas por PS e PSD, sem contar com muitos dos 19 grupos de cidadãos vencedores contarem com o apoio de um destes partidos. 263 em 308 Câmaras representa **85%**. As outras 45 (15%) são 19 do PCP, 19 de Grupos de Cidadãos, 6 do CDS e 1 do JPP (Madeira)

Ora, o PCP passou de 55 em 1982 (governo AD) para 19 em 2021. Porquê?

Daniel Oliveira diz que é uma alteração sociológica lenta nestes concelhos.

Pedro Adão e Silva diz que é uma erosão sócio demográfica irreversível.

Eu acho que esta explicação pode justificar a descida de votação nas eleições legislativas ou europeias, mas não nas autárquicas.

Pedro Tadeu diz que “desde a primeira hora que no PCP se tinha a noção que o apoio a um governo minoritário do PS teria graves custos eleitorais - mas a medida

desse custo começa a ser, parece-me evidente, demasiado alto para as possibilidades políticas do partido."

Ou seja, ele e vários outros comentadores acham que é o "abraço de urso" do PS a causa da descida de votação. Também não me parece!

A minha explicação é:

Simplesmente porque aquilo que fazia muitos eleitores do PS e de outros partidos (nas legislativas) votarem no PCP nas autárquicas era o reconhecimento de "Trabalho, Honestidade e Competência" na gestão autárquica comunista.

Quando isso deixar de ser notório, os eleitores voltam aos seus partidos de origem, ***simplesmente***!!!

O que faz um eleitor do PS (nas legislativas) votar no PCP nas autárquicas?

É a convicção que os autarcas comunistas são mais competentes, mais dedicados e mais sérios do que os do PS.

Se, por qualquer razão, esse eleitor achar que tanto uns como os outros são igualmente competentes, dedicados e sérios, então votará naturalmente nos candidatos do PS.

Por exemplo, em Setúbal o PCP teve 34,4% nestas eleições autárquicas e 13,3% nas legislativas de 2019.

De onde vêm os 21%?

11% talvez venham do PS pois teve 27,7% nas autárquicas e 37,8% nas legislativas. Os outros 10% terão necessariamente origem noutros partidos.

Assim, fica claro que logo que haja a perceção que a gestão autárquica do PCP tem as mesmas características das outras, é inexorável a perda da presidência dessa Câmara.

Portanto, a prazo, se o PCP não conseguir manter a **imagem sólida** de *"Trabalho, Honestidade e Competência"*, **o PCP terá a presidência de 0 (zero) Câmaras**, independentemente da "erosão sócio demográfica" e dos "abraços de urso".

Para o PCP é extremamente difícil recuperar Câmaras. Para isso será necessário conjugar dois fatores: a) Notoriedade e reconhecimento dos candidatos pela população e b) uma desastrosa gestão dos incumbentes.

Concordo com Manuel Loff: "O que raras vezes se sublinha é que os resultados autárquicos da CDU se aproximam cada vez mais dos das legislativas".

Também estranho ninguém realçar a **espantosa** diferença de votação no PCP em algumas Câmaras, como Setúbal e nas outras 18 câmaras em que detém a presidência.

Outro exemplo interessante é a votação do PCP, na minha freguesia, Carnide. Para a Câmara Municipal votaram 1500 (**17,2%**) eleitores no PCP e para a Assembleia de Freguesia votaram 4000 (**45,5%**). De facto, a **excelência** do trabalho da Junta de Freguesia e a sua ligação à população justificam bem o reconhecimento dos eleitores.

(Ver mais 3 exemplos em anexo)

Por esses três exemplos pode-se concluir que "a campanha sistemática de desgaste e ocultação do PCP por parte dos media" nada tem a ver com os resultados das autárquicas. Vê-se bem que as variações são completamente diferentes de local para local, sem padrão uniforme. Dependem dos candidatos, das circunstâncias e do contexto. Nada têm a ver com "erosão sócio demográfica" nem com "abraços de urso"!

2 – BE

Como se viu para o caso do PCP, é impossível o BE eleger um Presidente de Câmara, a menos que consiga gerar uma imagem diferenciadora num determinado concelho, o que é muito difícil. O PCP e o CDS, partidos fundadores do poder autárquico democrático, conseguiram eleger presidentes de câmara nos anos 70 e graças ao reconhecimento do seu trabalho ainda conseguem manter algumas (19 e 6 respetivamente). Todos os outros partidos, pequenos ou médios, **nunca** conseguirão ganhar câmaras, a não ser em casos muito, muito particulares que não consigo imaginar. Talvez num concelho pequeno em que um autarca prestigiado do PS ou do PSD mude de partido, mas isso será sempre um **caso pontual e raro**. Por exemplo, o caso do JPP na Madeira ou algum Grupo de Cidadãos consistente.

Comentadores politicamente desonestos dizem que "o Bloco não tem nenhuma implantação fora do eixo Príncipe Real – Cais do Sodré" (José Eduardo Martins) ou que "o BE não existe, é uma fraude metropolitana, entre aspas, é uma existência metropolitana sem nenhuma presença local fora das Áreas Metropolitanas, o BE não existe e, portanto, é um fenómeno político limitado" (Lobo Xavier).

Já Ana Drago, num outro nível, diz que "o Bloco tem uma fraqueza estrutural e que ficou destapado aquilo que é uma fraqueza organizativa que é fazer um enfoque muito forte sobre as legislativas, o Grupo Parlamentar e ter uma fraquíssima capacidade organizativa no que toca à implantação no terreno".

Certo!

De qualquer modo, fora das Áreas metropolitanas de Lisboa e Porto e do Alentejo também o PCP tem dificuldades embora apresente listas em todos os concelhos do País.

Com votações residuais, o BE consegue melhores resultados do que o PCP, por exemplo, em Vila Real, Régua, Cerveira, Barcelos, Lousada, Aveiro, Ovar, Ílhavo, Viseu, Guarda, Sertã, Caldas da Rainha, etc.

Nestes concelhos e em todos os outros em que a eleição de, pelo menos, um vereador seja difícil, os eleitores de esquerda, não têm outro remédio, senão votar no PS. ***Os que não o fazem são "repreendidos" e acusados de estar a fazer o jogo da direita***.

Situação equivalente passar-se-á se, algum dia, houver **Círculos Uninominais** em Portugal ou votamos PS ou PSD porque não vale a pena votar nos outros, é praticamente impossível eleger alguém apoiado por outro partido.

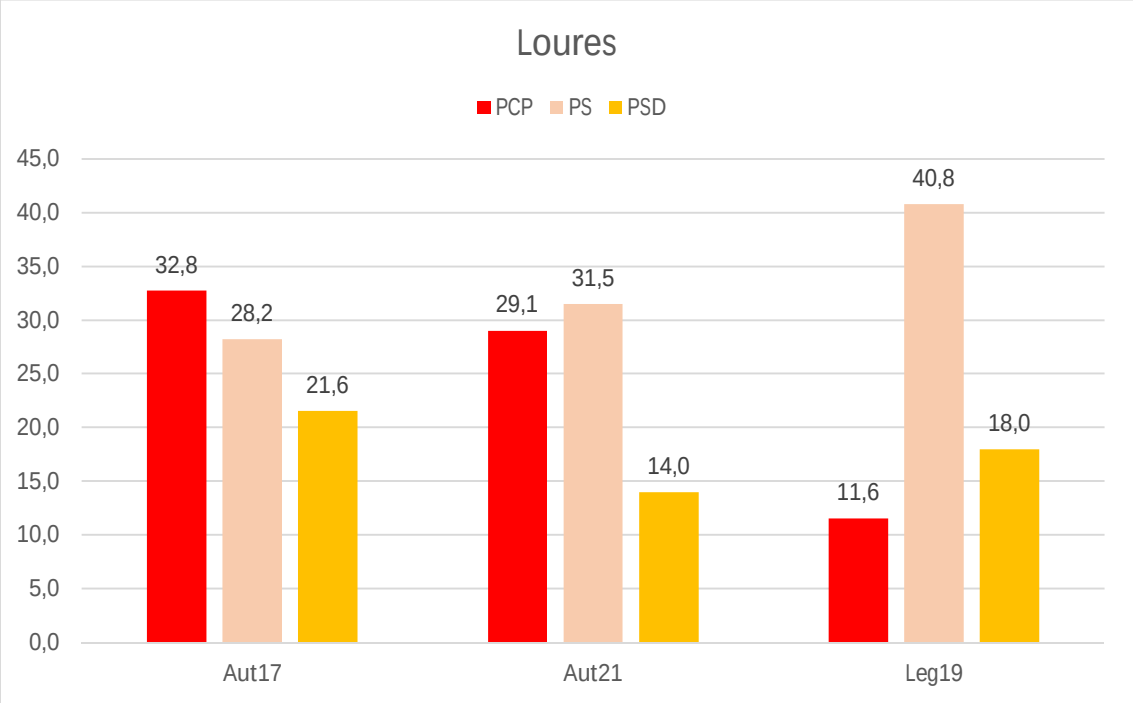
Penso que a votação tem duas componentes principais. A primeira é constituída pelo voto militante, ideológico, determinado. Estes eleitores votam sempre no mesmo partido independentemente dos candidatos, das circunstâncias e do contexto. (alguma semelhança com os clubes de futebol). Os eleitores da segunda componente, que podemos designar por componente variável, votam também em função dos candidatos, circunstâncias e contexto.

A votação no Bloco para as Câmaras é residual, tipo 1, 2 ou 3%, em todas as Câmaras em que o eleitor do Bloco não tem qualquer possibilidade de eleger um vereador. Sobe em locais em que há alguma possibilidade de eleição, como foi o caso do Porto, Lisboa, Oeiras, Almada e Salvaterra. As sondagens têm muita influência na oscilação da segunda componente.

Já para as Assembleias Municipais e de Freguesia, as votações podem variar e aqui a conquista de mandatos é muito importante porque esses lugares ajudam a enraizar o partido no país.

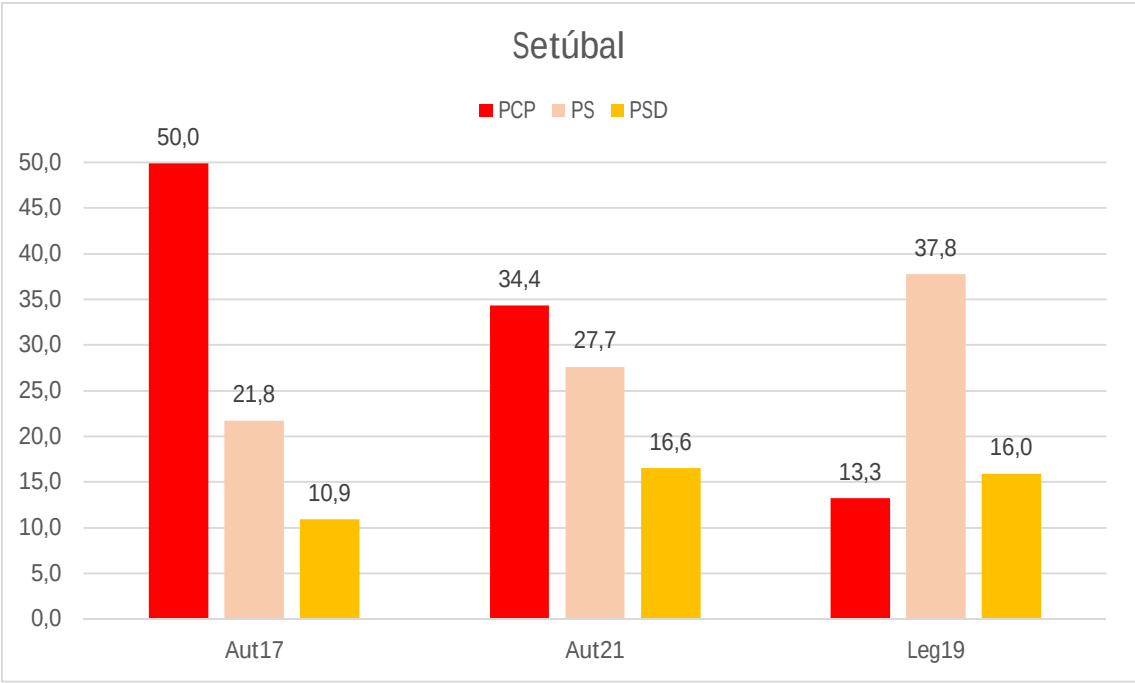
Apesar dos 94 mandatos nas Assembleias Municipais (eram 125) e dos 162 nas Assembleias de Freguesia (eram 213), os eleitos do Bloco tiveram um pesado recuo.

ANEXO

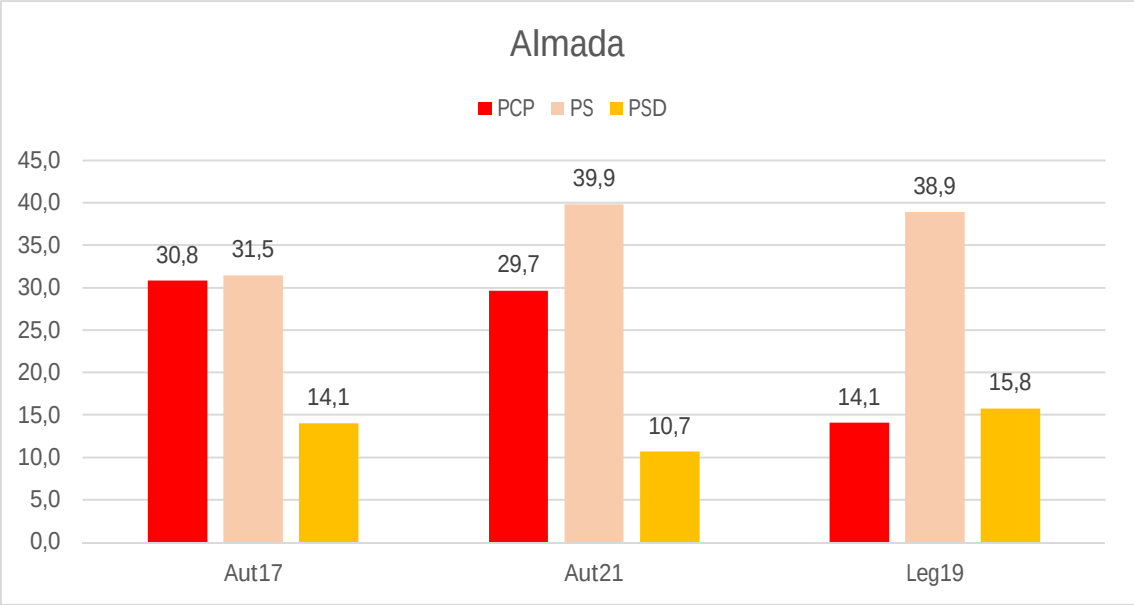


Em Loures, o PCP desce 3,7%, o PS sobe 3,3% e o PSD desce 7,6%.

Apesar disso, o PCP tem quase o triplo da % de votos em relação às Legislativas de 2019.



Em Setúbal, o PCP desce 15,6%, o PS sobe 5,9% e o PSD sobe 5,7%.
Apesar disso, o PCP tem quase o triplo da % de votos em relação às Legislativas de 2019.



Em Almada, o PCP desce 1,1% embora tenha tido **mais 500 votos**, o PS sobe 8,4% e o PSD desce 3,4%.
Apesar disso, o PCP tem mais do dobro da % de votos em relação às Legislativas de 2019.